

## RESPONSABILIDADE SOCIAL

# Organização destaca o hip hop como ferramenta de educação no Estado

Sofia Kramp Leke  
sofial@jcrs.com.br

Em meio às ruas do bairro Rubem Berta, em Porto Alegre, a cultura virou ferramenta de transformação social. Foi ali, em 2005, que nasceu a Alvo Associação Cultural, uma organização criada por jovens ligados ao hip hop e ao skate que acreditavam que arte, música e ocupação cultural poderiam mudar a realidade da comunidade. Duas décadas depois, a iniciativa se tornou referência no Rio Grande do Sul quando o assunto é democratização do acesso à cultura e fortalecimento das periferias, utilizando a cultura hip hop e o esporte como ferramentas para desenvolver uma sociedade mais justa e igualitária.

Indo muito além de somente promover eventos ou shows, a Alvo construiu uma trajetória marcada pelo trabalho social. Localizada em uma região onde muitos jovens crescem sem acesso fácil a espaços culturais, cursos artísticos ou oportunidades de expressão, a organização oferece a possibilidade de participarem de oficinas, atividades edu-

cativas e espaços de convivência que ajudam a aproximar centenas de pessoas da arte e da cultura urbana. A sede da entidade funciona como um espaço comunitário aberto à população, conhecido também como Ponto de Cultura da Rede RS de Pontos de Cultura desde 2009, onde o local conta com biblioteca comunitária, que faz parte da Rede Beabá de Bibliotecas Comunitárias, estúdio público de música, pista de skate e ambientes voltados para oficinas e encontros culturais.

Para muitos jovens da região, o espaço acabou se tornando uma alternativa importante ao enfrentar à falta de perspectivas que faz parte da realidade de muitas comunidades brasileiras.

Ao longo dos anos, a associação desenvolveu diversos projetos em escolas públicas, comunidades periféricas e até dentro do sistema prisional gaúcho. Um dos trabalhos que mais ganhou destaque foi o projeto “MCs para Paz”, realizado em presídios do Rio Grande do Sul. A iniciativa se trata de uma ação em presídios gaúchos através de oficinas de hip hop, produção musical e produção e edição de vídeos,



A Alvo Associação Cultural nasceu da vontade dos jovens de mudar a realidade de sua comunidade

conquistando o prêmio Cultura e Saúde do Ministério da Saúde.

Nos dias 23 e 24 de maio, a associação realizou mais uma edição do Festival Alvo, evento gratuito que reuniu artistas locais e nomes conhecidos nacionalmente no cenário do rap. O festival levou ao público shows, batalhas de breaking, graffiti, skate e feira de marcas independentes, reforçando a proposta de aproximar arte, juventude e comunidade, além de completar 21 anos de ações ininterruptas.

O evento abriu espaço para debates sobre ancestralidade, cultura africana e identidade através do projeto Ori Itan, que misturou música, gastronomia e rodas de conversa. A programação contou ainda com a participação de lideranças indígenas e artistas liga-

dos à cultura negra e periférica. Jean Andrade, fundador da Alvo Associação Cultural, conta que “quando promovemos um evento desses, a gente está trazendo para dentro da cultura essas pessoas que muitas vezes não conseguem nem sair do território. Seja por falta de conhecimento, de recursos para o transporte público ou por falta de tempo em função do trabalho. Então, esse é o objetivo da Alvo, tentar democratizar o acesso à cultura para que eles possam ser, primeiro, público e depois fazer a cultura aqui durante toda semana, por cursos, oficinas e programações de aprendizagem na área do hip-hop”.

Mais do que promover eventos culturais, a Alvo ajudou a construir espaços onde jovens periféricos podem se enxergar como

artistas, produtores, comunicadores e protagonistas de suas próprias histórias.

O trabalho desenvolvido pela entidade ao longo de mais de vinte anos reforça como a cultura pode funcionar como instrumento de transformação social, fortalecimento comunitário e construção de futuro. Para Andrade “o legado que a gente consolidou é o público que veio e que participa do nosso projeto. O grande legado são as pessoas que conhecerem o nosso espaço aqui como referência de cultura, como um espaço onde tu pode vir aqui usar o estúdio, pode vir buscar um livro da nossa biblioteca e pode vir para fazer alguma oficina, seja de música, seja de grafite, DJ ou enfim, vários cursos que oferecemos”.

## Entre a transformação social, Alvo conquista diversos reconhecimentos no Estado

Desde o início, a proposta da organização sempre foi enxergar o hip hop como algo que vai

além da música, trazendo o rap, o graffiti, o breaking e o skate como ferramentas de inclusão,

pertencimento e construção de identidade. É justamente essa visão que ajudou a transformar a Alvo em uma referência cultural dentro e fora do Estado.

A organização também promoveu a campanha permanente Quarentena Solidária durante a pandemia, iniciativa que resultou na doação de milhares de peças de vestuário e mais de 40 toneladas de mantimentos.

“Estamos planejando a estruturação dessa escola de Hip-Hop, junto de programas estadual e nacional que possuem programas específicos para aumento do contraturno escolar nas escolas públicas, principalmente nas escolas públicas”, diz Andrade.

Esses não foram os únicos reconhecimentos conquistados pela entidade, a Alvo também recebeu a Medalha Cidade de Porto Alegre e a Medalha da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, homenagens que destacaram a importância cultural e social do trabalho desenvolvido pela associação nas periferias da capital gaúcha.

Além disso, a organização conquistou o Prêmio Diversidade RS e também foi reconhecida no cenário artístico com o Prêmio Açorianos de Música e o Prêmio Lança de Ouro. Os prêmios demonstram como o trabalho da entidade ultrapassa os limites da cultura urbana e passa a ocupar espaços importantes dentro da

produção cultural do Estado.

A Alvo entra agora nesse novo momento, depois do festival, oferecendo cursos, oficinas e capacitações e formações para professores, para alunos e construindo parcerias com as escolas.

“A gente já tem parcerias com três universidades, e agora estamos fazendo parcerias também com as escolas estaduais e municipais para que a gente tenha uma programação permanente de oficinas, cursos e formações para os professores para que eles integrem hip-hop dentro da sua sala de aula. Melhorando a aprendizagem, melhorando a educação e a sociabilidade também desses alunos” diz Andrade.



Música virou ferramenta de inclusão junto com o graffiti e o skate